

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

Laysa Gladistone Gomes de Lucena

DOMÍNIOS DE AÇÃO

**Emoções na prática e ensino de teatro-dança para
pessoas com e sem deficiência.**

Brasília
2018

Laysa Gladistone Gomes de Lucena

DOMÍNIOS DE AÇÃO

**Emoções na prática e ensino de teatro-dança para
pessoas com e sem deficiência.**

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Cênicas, habilitação em Licenciatura, do
Departamento de Artes Cênicas do
Instituto de Artes da Universidade de
Brasília.

Orientador: Prof Ms. Rafael Augusto Tursi
Matsutacke

Brasília
2018



Ao Danieú Alves, meu melhor amigo, que sempre me abraçou quando chorei e pensei em desistir; que acreditou em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava; que me motivou a continuar.

Quem eu gostaria tanto que estivesse aqui.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada, **Jesus**, amigo, por ter me trazido até aqui, ter me ajudado a não perder o prazo da inscrição da prova de habilidade específica, por ter me ajudado a passar mesmo sem nunca ter feito um curso de teatro, por não ter me deixado abandonar o curso quando eu me sentia incapaz, porque esteve do meu lado em todo o tempo, todos os dias, obrigada por não desistir de mim, obrigada pelas pessoas incríveis que colocou no meu caminho durante esse período, obrigada por ter me mostrado o verdadeiro amor em cada desafio que enfrentei durante a graduação.

Obrigada **mãe**, obrigada **pai**, por mesmo não apreciando minha escolha de curso, respeitarem, e me ajudarem a concluir algo tão importante pra mim. Obrigada por terem cuidado de tudo, enquanto eu cuidava do meu, obrigada por terem lidado com minha ausência em dias tão importantes, obrigada por me permitirem sonhar. Amo vocês. Obrigada **família**, por me prestigiar sempre que possível, por se alegrar comigo. Obrigada especialmente tia **Walquiria**, tio **Ricardo** e tia **Hellen**, por tantas vezes gastarem tempo me ouvindo e ajudando quando me sentia perdida. Obrigada **Cacai**, obrigada **Ana**, obrigada vovó **Marlene**, por sonharem comigo quando falávamos de planos, por me apoiarem, por me fazerem sentir amada. Obrigada **Liniker**, por me apoiar, por me abraçar, por fazer com que eu me sentisse bem, sendo quem eu sou. Pauris, muito obrigada! Obrigada por ter me apoiado desde o início. Por me apoiar durante, e por estar aqui agora. Eu não sei usar as palavras tão bem como você, mas meu coração é grato por ter você presente, você é um presente, **Naty**.

Amigos, eu amo cada um de vocês! Obrigada **Henrique**, que desde que eu me entendo por gente esteve comigo, obrigada por comprar minhas brigas. Obrigada **Erick**, obrigada **Stefany**, por não terem desistido de mim, mesmo quando fui tão ausente, obrigada por sempre regarem esta amizade que tanto me faz bem, obrigada por cada vez que me mandaram palavras de admiração, de apoio e amor. Obrigada **Luh**, obrigada **Roh**, obrigada **Jenny**, obrigada **Thaty**, por terem sonhado comigo desde o ensino médio, terem me apoiado nessa loucura. Obrigada **Thaís**, minha parceira, por ter me entendido e acolhido desde o primeiro dia de aula nessa Universidade louca, obrigada por ter passado, ao meu lado, as diversas crises que tive, por ter permanecido. Obrigada **Danieu**, por ter confiado a mim a missão de ser sua amiga desde o início do curso, por ter feito mais colorido cada dia que esteve ao meu lado nessa universidade, por ter sido meu ouvinte de reclamações diárias, por ter comido no RU comigo, e ter ficado na fila do restaurante 4, mesmo sendo a maior, só pra sentarmos juntos, obrigada por ter aceito fazer canto coral só pra eu não ficar sozinha na UnB a noite, obrigada por me acompanhar até a parada toda segunda e quarta pra que eu não corresse perigo, obrigada por ter me feito sorrir TODOS os dias, obrigada por ter aparecido na minha vida, por ter me ensinado como não me importar tanto com o que os outros pensam. Obrigada por ter compartilhado comigo dois anos de uma amizade incrível. Obrigada **Amanda**, por simplesmente ter sido quem você é, por ter me ensinado tanto com suas convicções, por ter me acolhido tão bem quando precisei, por ter me incentivado a continuar sonhando, por ser quem me escuta e compreende. Obrigada **Ana**, por ter se tornado minha irmã, por ser com

quem eu posso reclamar, por ser quem reclama comigo, e por ser quem tenta parar de reclamar também. Obrigada ser parte disso, por ter vivido tanto comigo, por ser parceira pro que der e vier. Obrigada **Rai**, obrigada **Ygor** por fazerem parte disso. Obrigada **Maria Laura**, minha loira, que apareceu somente para encher de amor minha vida, obrigada por compartilhar o que te faz bem comigo, obrigada por me ouvir e colocar pra cima, obrigada por mesmo distante não deixar de torcer por mim. Obrigada **Gabriel**, por diversas vezes saber exatamente o que deveria falar, obrigada por agir tão sabiamente comigo, obrigada por me aconselhar sempre me lembrando que sou filha de um Deus do impossível. Obrigada **Tita**, você é única, e eu não sei como explicar o carinho e admiração que tenho por ti, obrigada por essa amizade, obrigada por acreditar em mim e no meu trabalho. Obrigada **Pedro**, você é uma das minhas maiores inspirações, obrigada por compartilhar seus sonhos, por sonhar comigo, obrigada por ser injeção de fé e esperança em mim. Obrigada **May**, pela sua simplicidade, e por me permitir sentir tão amada quando falo de mim pra ti. Obrigada **Lipe**, por ser quem sempre ouviu meus sonhos e planos, por ser quem me incentiva a ir atrás do que eu quero, por estar aqui a tanto tempo, por permanecer. Obrigada **Deeper**, especialmente obrigada **Sasa**, **Guilherme**, **Rafael**, **Nathioly**, por terem me ajudado em meio a tanto caos encontrar paz, obrigada por me permitirem compartilhar minhas fraquezas, por me fortalecerem no nosso Papai. Obrigada **Nobu** por partilhar comigo suas experiências e me incentivar a continuar nessa loucura que é a arte. Obrigada **Aline**, por permitir nascer essa amizade tão verdadeira, e nesse momento de escrita me incentivar a não desanimar. **Poliany**, meu bem, eu não teria como te deixar de fora disso, foi de longe quem mais me mandou palavras de força, que quando eu menos esperava e mais precisava, trazia recados de admiração, obrigada por todo carinho, obrigada!

Obrigada a cada professor que me capacitou, obrigada especialmente a **Thaynara**, minha professora do Ensino Médio e maior incentivadora e inspiração. Obrigada professora **Júlia**, professora **Ângela** e professor **Luiz**, vocês marcaram minha graduação.

Obrigada **INICIARTE**, meu grupo querido, obrigada a cada integrante dele, eu amo vocês. Obrigada por acreditarem em mim. Obrigada **Carol**, sem sua empatia e amor eu jamais concluiria meu trabalho, obrigada por infinitas vezes me entender e me ajudar, na vida, na universidade, no trabalho, no TCC. Obrigada, você foi um anjo em meu 2018. Obrigada **Rossi**, por dedicar horas me aconselhando e se preocupando comigo.

Obrigada, **Mirian** e **Roberto**, cobradora, e motorista do 176, por todas as noites estarem sorrindo, pelas conversas até chegar em casa, por permitirem que eu compartilhasse meus planos. Obrigada por serem profissionais excepcionais. Vocês fazem parte disso!

Obrigada, de todo coração, **Projeto PÉS**, por me permitir vivenciar essa experiência tão incrível, por deixar que eu pudesse pesquisa-lo, obrigada por mudar minhas convicções e desejos profissionais. E, por fim, obrigada Rafa! Obrigada **Tursi** ! Obrigada! Obrigada! Obrigada! Obrigada por toda a paciência, por toda a calma, pela dedicação, obrigada por cada detalhe desse processo. Eu posso afirmar que esse trabalho não seria o mesmo sem sua ajuda. Obrigada por me ajudar exatamente da maneira que eu precisei!

RESUMO

Projeto de pesquisa em arte e educação, que visa analisar processos, aulas e espetáculos do grupo Projeto PÉS, o qual faço parte, através da ótica de Humberto Maturana, considerando sua abordagem biológica sobre linguagem, desenvolvimento humano, emoções e educação. Primeiramente na perspectiva de aluna e dançante, e posteriormente como futura professora, relacionando estes saberes como o ensino e aplicabilidade para pessoas com e sem deficiências.

Palavras chave: Domínio de Ação; Emoções; Linguagem; Educação; Arte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. COMO ASSIM?	13
1.1. Quem é esse?	13
1.2. O que ele quer dizer?	14
1.3. E daí?	15
2. QUEM SÃO ELES?	19
2.1. O(s) PÉS	20
2.2. E eles?	22
3. TUDO FAZ SENTIDO	29
3.1 O Amor?	29
3.2 Educar com Amor?	31
3.3 Como?	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38

LISTAS DE IMAGENS

Foto 1 - Laysa com 03 anos de idade, em uma de suas primeiras apresentações teatrais ..	09
Foto 2 - Ana. Cred. Juliana Boechat	22
Foto 3 - Kelly. Cred. Juliana Boechat	23
Foto 4 - Nanda. Cred. Juliana Boechat	23
Foto 5 - Elê. Cred. Juliana Boechat	23
Foto 6 - Gabi. Cred. Juliana Boechat	23
Foto 7 - Laurinha. Cred. Juliana Boechat	24
Foto 8 - Luquinhas. Cred. Juliana Boechat	24
Foto 9 - Mari. Cred. Juliana Boechat	24
Foto 10 - Mari. Cred. Juliana Boechat	24
Foto 11 - Mônica. Cred. Acervo pessoal da atriz	25
Foto 12 - Mô. Cred. Marcos Viegas	25
Foto 13 - Roges. Cred. Juliana Boechat	25
Foto 14 - Tatá. Cred. Juliana Boechat	25
Foto 15 - Thaís. Cred. Juliana Boechat	26
Foto 16 - Samuel. Cred. Juliana Boechat	26
Foto 17 - Vini. Cred. Juliana Boechat	26
Foto 18 - Yuri. Cred. Juliana Boechat	26
Foto 19 - Rafa. Cred. Juliana Boechat	27
Foto 20 - Galera. Cred. Juliana Boechat	28

INTRODUÇÃO

Precisamos educar com amor. Esta pode ser uma frase um tanto clichê para se iniciar um trabalho, ou talvez uma afirmação muito vaga, mas no decorrer deste, pretendo mostrar, que ela é verdadeira e aplicável no ensino, principalmente no ensino de Teatro. A justificativa desta pesquisa se dá por uma necessidade e carência pessoal, portanto pretendo durante a exposição de minhas ideias proporcionar um diálogo com você, leitor, compartilhando minhas convicções e indagações sobre o assunto. Deste modo gostaria de te incluir nesse processo.

Mas vamos começar do começo. Já que irei abordar primeiramente experiências vivenciadas por mim, para que esses relatos sejam contextualizados acho válido me apresentar. Sou Laysa, tenho 21 anos e, há quatro, estudo Artes Cênicas na Universidade de Brasília. No entanto, a prática teatral me foi presente desde criança, na igreja, assim como da dança e da música. Considerando que este é um trabalho de conclusão de curso, quero que este documento seja também um memorial, além de um rito de passagem, pois muito mais do que estar terminando uma graduação, estou finalizando, por meio deste, um período muito importante na formação do meu eu de hoje.



Figura 1. Laysa com 03 anos de idade, em uma de suas primeiras apresentações teatrais.

Acredito que, por lidar com público, desde muito nova, nunca fui uma criança tímida, pelo contrário, sempre comunicativa. Porém, minha característica mais marcante era a de ser muito emocional, assim diziam aqueles próximos a mim. Desde quando comecei a frequentar a escola, mesmo na educação infantil, cresci ouvindo frases como: “chorar não vai resolver nada”; “você tem que aprender a ser mais racional”; ou ainda “na escola é preciso esquecer os problemas de fora” e frases do gênero. Por toda a minha vida, escutei que essa característica iria me prejudicar. Eu sempre me cobrei muito, gostava de tirar boas notas e, quando isso não era alcançado, ficava decepcionada e chorava, independente de onde eu estivesse, não me importando com o que os outros iriam pensar. Sempre foi algo natural e previsível. Lidar com discussões, brigas e desentendimentos, ou qualquer notícia ruim me desestabilizava, e ainda desestabiliza. Diante destas situações, por vezes, fui acolhida e orientada pelos professores e colegas, mas frequentemente repreendida e corrigida também. Controlar minhas emoções sempre foi algo que busquei, sem sucesso. Esse “problema” me acompanhou até a universidade, foi quando, dentro da licenciatura, me questionei até que ponto é correto considerar as emoções prejudiciais para o aprendizado. A licenciatura começou a gerar em mim a certeza de que quando professora não gostaria de reproduzir o tipo de repreensão que recebi.

Foi, então, quando conheci Maturana, na disciplina de Psicologia da Educação¹. Nesta matéria, obrigatória para todos os cursos de licenciatura, estudamos teóricos do desenvolvimento humano. Durante o semestre me identifiquei com teóricos como Wallon e Vygotsky², mas Humberto Maturana falava sobre o desenvolvimento da linguagem e sobre as emoções de uma maneira nunca antes me apresentada, não como psicólogo, mas como biólogo., conforme apresentarei no capítulo 01. Pela primeira vez, comecei a compreender minhas experiências, vividas desde a infância, a partir de outra perspectiva, e a lidar com minhas emoções de maneira consciente do que aquilo gerava em meu corpo. Aprendi a não me cobrar tanto, quando passei a

¹ Disciplina cursada na UnB, no segundo semestre de 2016, sob orientação do professor José Herrera, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília.

² Psicólogos tomados como base nos estudo de psicologia da educação.

reconhecer os domínios de ação que eu era capaz, frente a uma ou outra situação. Espero que nesta pesquisa estes conceitos cheguem de maneira construtiva. também, a você leitor.

Mas por que unir os temas e falar sobre domínios de ação e emoções na prática do ensino em artes para pessoas com e sem deficiências? Essa escolha também não foi ocasional! Ou foi? O motivo se dá, em uma história que começa com choro. Vou contar-lhe. Era 2016, início do meu quarto semestre na universidade, eu havia me matriculado em uma disciplina obrigatória, cuja única oferta eram nas terças e quintas, pela noite. Logo na primeira aula, a professora começou apresentando a ementa da disciplina e falando sobre o que exigiria dos alunos. Naquele momento, enquanto ouvia tudo o que me seria cobrado durante o semestre, e sem conhecer absolutamente nenhum dos autores dos quais ela mencionava, comecei a ficar com muito medo. Quanto mais eu a ouvia falar, mais desesperada ficava. Foi quando pedi pra me retirar da sala e, assim que sai pela porta, comecei a chorar. Eu estava me sentindo totalmente impotente diante daquela situação, me sentia incapaz e, naquele momento, realmente estava. Foi então que encontrei o professor Rafael Tursi³, que ao me ver chorar, me abordou e me perguntou se eu gostaria de assistir o ensaio de seu grupo. Aceitei. Era um ensaio do Projeto PÉS, grupo de Teatro-Dança para pessoas com e sem deficiência. Entrei na sala de ensaio chorando, por achar que estava em uma situação onde eu era incapaz de agir, e saí, ao final do ensaio, chorando, mas desta vez por perceber que eu seria capaz de agir.

Desde então, há aproximadamente dois anos e meio, faço parte do Projeto PÉS. No capítulo 02, discorrerei mais sobre ele, sua história e sobre seus participantes. Por fim, no capítulo 03, busco explicitar, ainda, o motivo de ter saído diferente daquele ensaio, trazendo, com isso, os “porquês” de eu ter escolhido a abordagem de um biólogo para basear minha futura prática de ensino, para qualquer pessoa, com ou sem deficiência.

Reconhecendo que na educação atual há um incentivo a competição no processo educacional e consequentemente no mercado de trabalho, este estudo considera as contribuições de Maturana para o conceito da educação

³ Rafael Tursi, é mestre em Arte Contemporânea, pela Universidade de Brasília, e fundador do grupo Projeto PÉS.

no Chile, como aplicável a toda a América Latina, abrangendo, portanto, o ensino no Brasil. As contribuições desse conceito abordam questões que envolvem o indivíduo e sociedade, cultura, razões e emoções.

1. COMO ASSIM?

Maturana, domínio de ação, emoção, linguagem, educação e arte. Estas palavras compõem as palavras-chave deste trabalho, mas o que elas querem dizer? Vamos começar, por Maturana.

1.1. Quem é esse?

Humberto Maturana Romesin nasceu, em 1928, na cidade de Santiago, no Chile. Desde a primeira vez que ouvi sobre ele, na aula de Psicologia da Educação, isto me chamou atenção. Não posso afirmar que isso acontece, em geral, em todas as universidades, mas é notório que a maioria dos teóricos que estudei durante a graduação são norte americanos ou europeus. Estudar um teórico latino americano foi, pra mim, marcante e, ao comentar com colegas que faziam ou já tinham feito a mesma matéria em outras turmas, constatava que ele não havia sido apresentado a nenhum deles. Por isso, sou grata, ao professor José Herrera, por apresentar, em sua ementa, um conteúdo que me foi tão proveitoso, como este. O fato de ser um autor chileno foi um ponto motivador para minha escolha de pesquisa-lo, pois acredito na importância da valorização de profissionais da América Latina, tanto pelas características em comum dos países que a compõem, quanto por ser este o lugar que nasci e estou inserida.

Entre meados da década de 40 até 1959, Humberto Maturana se formou em medicina no Chile, neurofisiologia na Inglaterra, concluindo, por fim, seu doutorado em Biologia na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, onde desenvolveu, inovadores trabalhos científicos no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Durante a década de 50, Maturana trabalhou com o pioneiro da epistemologia experimental, Warren McCulloch⁴, e desenvolveu vários trabalhos de ruptura na área de neurofisiologia da percepção⁵. Co-criador da Teoria da Autopoiese⁶, junto com o biólogo e filósofo chileno

⁴ Warren McCulloch (1898 a 1969), neuroanatomista e psiquiatra americano.

⁵ A neurofisiologia é um ramo da fisiologia que tem como objeto de estudo o funcionamento do sistema nervoso.

⁶ A Teoria da Autopoiese tem como idéia básica um sistema organizado auto-suficiente. Este sistema produz e recicla seus próprios componentes diferenciando-se do meio exterior.

Francisco Varela, Maturana retornou, em 1960, após concluir o doutorado, para a mesma universidade em que se formou, colaborando, hoje, como pesquisador e professor da Universidade do Chile, onde cria o Laboratório de Epistemologia Experimental. Em 1995, Maturana foi premiado pela Academia de Ciências do Chile, em reconhecimento ao conjunto de sua produção intelectual. É, ainda,, junto a professora Ximena Dávila Yanez, co-criador do Instituto Matriztico⁷, desenvolvendo pesquisas relacionadas a dinâmica da Matriz Biológica da Existência Humana, em cinco áreas das atividades humanas: Família, Educação, Empresa, Sociedade e Mundo Natural.

1.2. O que ele quer dizer?

Apresentado o autor, falo agora de “domínio de ação” e “emoção”. A começar pela segunda. Seja no sentido semântico da palavra ou da reação que ela pode causar. Geralmente, ao falar de emoção, associa-se a algo que representa o que sentimos, a sentimentos. Com isso, ao procurar o significado literal do verbete, no o dicionário, tem-se:

Substantivo feminino. Reação moral, psíquica ou física, geralmente causada por uma confusão de sentimentos, que se tem diante de algum fato, situação, notícia, fazendo com que o corpo se comporte tendo em conta essa reação, através de alterações respiratórias, circulatórias; [...]⁸

É possível associar este significado a várias frases que usamos costumeiramente, como por exemplo: “Ela é muito emocional, chora por tudo!”, ou, ainda, “Me arrepiei toda, o filme é emocionante”. Essas frases expressam reações físicas do corpo, o arrepio e o choro, como consequência de algum fato. Maturana, coloca de maneira um pouco diferente, ele entende que “[...] emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação” (MATURANA. 2002, p. 15). Já os Domínios de

⁷ A Matriztica é uma Escola de Pensamento do Sul do Mundo, que há 18 anos se posiciona na vanguarda do desenvolvimento do conhecimento e da compreensão sobre a transformação e integração cultural de pessoas e organizações. Disponível em <<http://www.matriztica.org/#quienessomos>>. Acesso em 08/11/2018

⁸ EMOÇÃO. Informação disponível via internet, no site <<https://www.dicio.com.br/emocao/>> Acesso em 24/11/18.

Ação são como o nome diz, ações que somos capazes de executar no nosso dia a dia, ações que frequentemente realizamos, que temos o domínio sobre elas, como escrever, falar ao celular, comer etc. Ele aponta que o que define o domínio dessas ações é a emoção no momento de tal realização. Escrever um bilhete a alguém pode ser uma ação simples, e que você domina, mas se, neste bilhete, você precisa escrever os dados do hospital onde um amigo querido se encontra, após descobrir que ele sofreu um grave acidente, essa ação pode se tornar praticamente impossível. Isto se dá porque sua emoção pode determinar o não domínio desta ação no momento. As mãos podem ficar trêmulas, os olhos carregados de lágrimas, o coração acelerado, entre outras possibilidades que podem interferir no executar da ação. Maturana reforça “[...] todos sabemos que, quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção” (MATURANA, 2002, p. 15).

Todos estamos sujeitos a tais efeitos, justamente por sermos seres emocionais, apesar de normalmente nos afirmamos seres majoritariamente racionais. O autor afirma, ainda, que isso ocorre pelo fato de que:

“[...] vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.”(Maturana, p.15)

Para ele, a grande dificuldade que temos em aceitar este fundamento é o medo de nos expormos ao caos da irracionalidade, onde tudo parece ser possível, mas afirma que só há caos quando perdemos a nossa referência emocional (Maturana, p. 52). Quando compreendi isso, pude perceber que as emoções não são limitadoras, e aí, passei a enxergá-las uma condição de possibilidade.

1.3. E daí?

Por que estou falando sobre isso? Onde entra a linguagem e a arte? Vamos lá! Desde o princípio, eu sabia que seria desafiador misturar a biologia e a arte, mas tinha certeza de que era possível. Confesso que tenho medo de não ser capaz de expressar com clareza as intenções desta escolha, mas vou

tentar. Ao ler o livro “Emoções e linguagem na educação e na política”, de Humberto Maturana, maior referencial teórico deste trabalho, encontrei, dentre os vários assuntos que ele aborda, dizeres sobre a arte, de maneira implícita. Ele não discorre, especificamente, sobre o teatro, mas o encontrei dentro de sua abordagem sobre linguagem. A linguagem nasce da necessidade de relação com o outro, e de acordo com Maturana, “a linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais” (2002, p. 20). Para mim, este conceito caberia, ainda, perfeitamente, para definir, o teatro, afinal, o fazer teatral não significa coordenar ações e de maneira consensual comunicar algo a alguém, ao outro, ao público? Meu objetivo aqui não é iniciar uma discussão sobre o que é ou não teatro mas, apontar como possibilidade também este entendimento. Validar o Teatro como parte da linguagem, como uma das necessidades humanas, a de comunicar-se, é abrir a possibilidade de estudar a sua prática e ensino, através da abordagem de Maturana, chamada por ele de Biologia da Educação.

Quando me refiro à prática e ensino do teatro, falo sempre a partir de uma perspectiva de aluna. Com isso, abordo aqui, minha experiência dentro do grupo Projeto PÉS, apesar de considerar que em toda prática de teatro, seja em uma turma de iniciantes ou não, ou, ainda, um grupo profissional consolidado, é necessária a postura de aprendiz, uma predisposição para aprender com os outros e com as novas experiências. Pensando assim, na correlação entre linguagem e arte-educação, retomo meu entendimento acerca da linguagem, que, como dito anteriormente, pressupõe uma relação social. Neste sentido, Wallon diz que “a expressão emocional é fundamentalmente social, pois precede e supera os recursos cognitivos” (WALLON apud GRANDINO. 2007, p. 37), e completo com o entendimento de Maturana, que considera que isto só é possível através de uma emoção específica, o amor. Ele afirma:

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. Por isso a linguagem, como domínio de coordenações consensuais de conduta, não pode ter

surgido na agressão, pois esta restringe a convivência (MATURANA, 2002, p. 22).

Assim, para ele, o caminho que leva à ação, é a emoção e não a razão. Ao entender a relação entre essas palavras comecei a perceber o quanto o pensamento de Humberto Maturana já estava presente em minha vida, e também em minha prática teatral, como veremos nos capítulos seguintes. Pude visualizar a aplicabilidade desse pensamento em minha futura profissão, como arte educadora. Para isso, é preciso considerar que somos, sim, seres racionais, porém, fundamentados na emoção e, que para tornar possível a existência de relações sociais, e como consequência destas, a linguagem, é necessário ter como referencial, a emoção amor. Assim como professora, almejo propiciar este espaço de relações. Wallon fala que:

Considerando o caráter 'contagioso' dos estados emocionais, o professor pode manter-se mais atento ao clima de grupo que ele tem condições de estabelecer em sua turma de alunos, bem como à importância de suas próprias manifestações afetivas, que, seguramente, incidirão nas crianças sob sua tutela [...] portanto, que não se trata de buscar o controle das condições em sala de aula a partir da coerção das manifestações expressivas dos alunos, mas da melhor compreensão de seu significado para um manejo que, incorporando a dimensão afetiva, possibilite uma melhor qualidade e aproveitamento da aprendizagem. (WALLON. 2007, p. 42)

Ele trata as emoções de uma maneira diferente de Maturana, trazendo o elemento da afetividade para a abordagem pedagógica, o qual considero também válido para aplicação no processo de ensino e aprendizagem. Ah, para não dizer que me esqueci da palavra "educação", apesar de já estar falando dela, quero considerar, como premissa, o conceito de ensino, trazido por Humberto Maturana, que, além de médico e biólogo, é professor. E, não há ninguém melhor para falar de educação, em um trabalho de licenciatura, do que um professor. Para ele:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. (MATURANA. 2002, p. 29)

Ele aponta o fenômeno da educação como fruto do convívio com o outro, e mais uma vez, indica a importância das relações sócias. Nesse sentido, Vygotsky ao tratar do desenvolvimento humano, ligado a aprendizagem, afirma que:

o ser humano, por sua origem e natureza, não pode nem existir nem conhecer o desenvolvimento próprio de sua espécie como uma mônada isolada: ele tem, necessariamente, seu prolongamento nos outros; tomado em si, ele não é um ser completo. (VYGOTSKY apud IVIC. 2010, p. 16).

Tem-se, a partir de então, a necessidade de relação para que haja o desenvolvimento, a aprendizagem. E, assim, para existir relação é necessário um outro. Discorrido sobre as ideias principais do campo de estudo deste trabalho, no capítulo seguinte apresento o outro, ou melhor dizendo, os outros. Os outros presentes na relação social que analiso nesta pesquisa. O grupo Projeto PÉS.

2. QUEM SÃO ELES?

Neste momento gostaria de falar um pouco mais sobre o grupo PÉS. Conforme te contei anteriormente, em meados de 2016, desistindo de uma disciplina do curso de Artes Cênicas, ao sair da sala, passei chorando, pelo professor Rafael Tursi, que me abordou e me convidou para assistir uma aula do PÉS, projeto de extensão que atua dentro da UnB.

Para mim, o Projeto PÉS é, hoje, um oásis no meio das minhas atividades rotineiras semanais. É durante os ensaios que consigo me lembrar de quem eu realmente sou, e porque escolhi ser artista. É um lugar de expor as diferenças, mas usa-las em prol da arte, é onde podemos criar pelo, com e para o outro. É uma grande família, que possui divergências, mas entende que existe um laço que os une: o amor pelo que se faz. Acho incrível a maneira como as pessoas são acolhidas e inseridas na família, e algo que percebo dentro disso, é que quando esse laço realmente existe, essas pessoas estão sempre presentes, ainda que saiam do grupo, mesmo que indiretamente, como um filho que foi morar fora.

O PÉS se reúne duas vezes por semana, não somente para ensaiar, mas também para confraternizar, comemorar, consolar, conversar, partilhar, e claro, trabalhar. Nosso trabalho é olhar o outro, percebê-lo, buscar entendê-lo. É olhar para si, identificar os erros, é vencer limitações, juntos. É usar o movimento, a forma, a dança, o teatro, a arte não só do corpo, mas de nossos corações. É criar para nós. É criar para o outro, para mostrar para o mundo. Lá dentro, vejo ao meu lado artistas, com as mais diversas deficiências (e sem elas), profissões, idades, experiências e realidades. Pensar em todas essas diferenças, torna, para mim, o “ser grupo” algo ainda mais desafiador, mas é, também, o que nos faz um grupo diversificado, e rico. Digo que as vejo ao meu lado, pois não nos diferenciamos em hierarquia, buscamos praticar a real inclusão, em que todos possuem o mesmo peso dentro dos ensaios e espetáculos.

Dizemos, dentro do grupo, que o PÉS é, para além de uma equipe, um time. Nos ensaios, cuidamos uns dos outros, mas nas apresentações sinto isso ainda mais forte. Vencer o jogo é fazer além da minha parte, é colaborar para

que outro possa fazer a dele, é acertar juntos e errar juntos também. Falo tudo isso, me incluindo como membro desta família. Que família?

2.1. O(s) PÉS

Agora você já conhece o PÉS, através dos meus olhos e perspectiva. Mas quero contar um pouco da história desse grupo, de como chegamos até aqui, a partir de outra referência, que não só a minha. Estes dados estão expostos no site do PÉS⁹, na monografia e, também, na dissertação do diretor Tursi (não necessariamente nesta ordem).

Tudo começou em 2009. Rafael Tursi havia concluído o curso de bacharel em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, com uma pesquisa sobre o sistema Laban¹⁰ para criação de personagem e, neste período, ingressava no curso de licenciatura. Nesse momento, uma amiga muito próxima a ele sofreu um acidente de trânsito que a deixou com tetraparesia¹¹. Ele acompanhou de perto seu tratamento na Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e, ao perceber o grande espaço que o esporte ocupa nos tratamentos, começou a pensar em uma linha de pesquisa que utilizasse a arte, através do teatro e da dança, como agente reeducador corporal para pessoas com deficiência. Assim:

Vendo a possibilidade de aplicação da pesquisa sobre Laban, de maneira consciente, para gerar movimentos cotidianos em cena, e repeti-los posteriormente com precisão, nasce, então, a ideia de estudar o sistema para sua aplicação na educação física de pessoas com deficiência, relacionando-o com experimentações ludo-pedagógicas, visando por fim, a autonomia na criação e expressão artístico-corporal dos sujeitos. (TURSI. 2014, p. 12)

⁹ Site oficial do grupo, disponível em <www.projetopes.com>. Acesso em 15/11/18.

¹⁰ Rudolf Laban foi um dançarino, coreógrafo, teatrólogo, musicólogo, considerado como o maior teórico da dança do século XX e como o "pai da dança-teatro".

¹¹ Paralisia incompleta de nervo ou músculo dos membros inferiores e superiores que não perderam inteiramente a sensibilidade e o movimento.

Em 2011, nasce, então, o Projeto PÉS. A proposta inicial era que essa pesquisa acontecesse na prática, como um projeto de extensão¹² da Universidade de Brasília; um laboratório sobre o movimento expressivo, oferecido para pessoas com paraplegia¹³. Porém, Tursi, teve que lidar com a realidade de que na Universidade existiam pouquíssimas pessoas com paraplegia. Naquele momento, de acordo com o autor, apenas quatro: dois alunos, um professor e um funcionário. Depois de contatá-los, e convidá-los para participar do projeto, cita, ainda, o fato de nenhum deles ter disponibilidade para tal. O projeto foi, então, aberto a comunidade, contando com a participação de cinco alunas, com cinco deficiências diferentes. Um desafio, que foi aceito.

Iniciou-se o processo de pesquisa, aprendizagem, adaptação, e criação em grupo. O PÉS tem hoje sete anos e muitas coisas foram transformadas, desde sua criação, como por exemplo, a participação de pessoas sem deficiência sempre associadas a postura de monitores e pessoas com deficiências no lugar de alunos: todos agora são considerados dançantes. Contudo, durante todo esse tempo, o projeto buscou manter seus objetivos iniciais de oferecer a pessoas com ou sem deficiências, de quaisquer idade, um espaço propício ao

[...] desenvolvimento da integralidade e da socialização dos indivíduos, garantindo acessibilidade à informação em pesquisa. [...] Adequação virou uma palavra-chave no trabalho do Projeto; Como adequar os exercícios para cada um dos alunos e alunas? Como adequar o processo de ensino? Como adequar o trabalho para cada novo enfrentamento? [...] O processo didático do PÉS é dividido em duas grandes etapas, uma abrangendo a pedagogia do movimento e outra a alfabetização estética dos alunos. Essa busca tende a nos mostrar, principalmente, as individualidades dos alunos na sua maneira de lidar com o mundo, seus interesses e afetos, e, a partir de então, auxiliá-los a escolher o que/como colocar sua cena em cena. Este processo acontece através de novos experimentos com o movimento [...] gerando, assim, um ciclo de ações e opções para uma aplicação consciente posteriormente. O segundo ponto serve de orientação e trata especificamente sobre a criação de espetáculo teatral e noções acerca de temas como: presença cênica, orientação

¹² As ações de extensão se desenvolvem por meio das unidades acadêmicas e administrativas da UnB, em processos educativos, culturais e científicos, articulados com o ensino e a pesquisa. É por meio da ação extensionista envolvendo professores, estudantes e técnicos que a Universidade interage com a sociedade, em um exercício de contribuição mútua. (UnB/Decanato de Extensão).

¹³ Paralisia que afeta a totalidade ou parte do tronco, das pernas e dos órgãos pélvicos.

espacial no palco, foco de olhar e relação palco-plateia ou ator-expectador.¹⁴

O Projeto PÉS, ou como gosto de me referir, o grupo PÉS, tem hoje em sua trajetória, quatro espetáculos, apresentados em diversos festivais, nacionais e internacionais, além de aulas, oficinas e palestras. Possui um grupo base, com as pessoas que compõem os espetáculos, e uma turma voltada para iniciantes. É sujeito de pesquisa e material de estudo para diversos outros projetos de pesquisa, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado. O PÉS foi, ainda, o primeiro colocado do Prêmio Cultura e Cidadania - Arte Inclusiva, da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, em 2018; ganhador da Menção Honrosa de Iniciação à Pesquisa, do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Brasília, em 2017; e ganhador dos prêmios Melhor Trabalho Nacional de Educação Inclusiva e Melhor Trabalho Nacional de Cultura e Lazer para Pessoas com Deficiência, emitidos pelo último Congresso Nacional de Diversidade e Inclusão (CONADI), em 2012, no estado de São Paulo.

2.2. E eles?

Agora quero apresentar, a você, parte dos protagonistas e possibilitadores desta história. Meu objetivo é te aproximar do grupo, de tal forma que torne possível imaginar como é nossa realidade de trabalho, visto que já lhe contei sobre quem somos e o que fazemos. Então, entre entradas e saídas, hoje somos:



Foto 02. Ana. Cred. Juliana Boechat

Ana Balata. 21 anos. Estudante de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, atriz, professora de teatro e circo. Integrante do PÉS desde 2016.

¹⁴ TURSI, Rafael. Informação disponível em <www.projetopes.com>. Acesso em 04/12/2018.

Kelly Barros. 43 anos. Possui ensino médio completo. Tem paralisia cerebral grave, o que a condiciona a ficar em posição deitada em sua cadeira de rodas adaptada, além de retardos cognitivos. Integrante do PÉS desde 2011.



Foto 03. Kelly. Cred. Juliana Boechat



Foto 04. Nanda. Cred. Juliana Boechat

Fernanda Amorim. 29 anos. Estudante do ensino especial. Possui paralisia cerebral média, tetraparesia, déficit cognitivo, fala comprometida, limitação parcial do corpo associado a movimentos involuntários (apesar de conseguir caminhar de pé, utiliza a cadeira de rodas para melhor locomoção, devido a falta de equilíbrio). Integrante do PÉS desde 2012.



Foto 05. Elê. Cred. Juliana Boechat

Elenice Ramthum. 58 anos. Formada em Psicologia. Entrou no grupo para acompanhar sua filha, Gabriela Argañaraz. Integrante do PÉS desde 2014.



Foto 06. Gabi. Cred. Juliana Boechat

Gabriela Argañaraz. 23 anos. Modelo e estudante do ensino especial. Tem Síndrome de DandyWalker, comprometendo a coordenação do corpo, equilíbrio, e parte de seu cognitivo. Integrante do PÉS desde 2014.

Laura Garcia. 19 anos. Estudante do ensino básico. Possui Transtorno Global do Desenvolvimento, atraso cognitivo e fala não desenvolvida. Integrante do PÉS desde 2012.



Foto 07. Laurinha. Cred. Juliana Boechat



Foto 08. Luquinhas. Cred. Juliana Boechat

Marina Anchises. 29 anos. Estudante de Museologia na Universidade de Brasília. Tem paralisia cerebral média, tetraparesia com característica de movimentos por espasmos e dificuldade de fala. Integrante do PÉS desde 2011.



Foto 09. Mari. Cred. Juliana Boechat



Foto 10. Mari. Cred. Juliana Boechat

Mari Lotti. 24 anos. Estudante de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, atriz e professora. Integrante do PÉS desde 2015.

Mônica Gaspar. 53 anos. Formada em Economia, Letras e Artes Cênicas, realiza o mestrado em Teatro. Integrante do PÉS desde 2018.



Foto 11. Mônica. Cred. Acervo pessoal da atriz



Foto 12. Mônica. Cred. Marcos Viegas

Monise Pessoa. 22 anos. Estudante do ensino especial. Tem paralisia cerebral leve, hemiparesia (paralisia incompleta em um dos lados do corpo), deficiência intelectual, cognitivo e fala afetados. Integrante do PÉS desde 2011.

Roges Moraes. 23 anos. Possui o ensino médio completo. Tem paralisia cerebral leve e tetraparesia. Usuário de cadeira de rodas, ele consegue caminhar fora da cadeira, com auxílio das mãos. Integrante do PÉS desde 2012.



Foto 13. Roges. Cred. Juliana Boechat



Foto 14. Tatá. Cred. Juliana Boechat

Thainá Araújo. 25 anos. Possui o ensino médio completo. Tem Síndrome de Kabuki, o que causa deficiência intelectual leve e baixo tônus muscular, alterando sua coordenação motora. Integrante do PÉS desde 2011.

Thaís Cordeiro. 28 anos. Possui formação em Dança pelo Instituto Federal de Brasília. Atua como dançarina e professora de artes. Integrante do PÉS desde 2018.



Foto 15. Thais. Cred. Juliana Boechat



Foto 16. Samuel. Cred. Juliana Boechat

Vinícius Costa. 34 anos. Graduado em Fisioterapia e pós-graduado em saúde coletiva. Integrante do PÉS desde 2016.



Foto 17. Vini. Cred. Juliana Boechat



Foto 18. Yuri. Cred. Juliana Boechat

Yuri Costa. 21 anos. Estudante de Artes Visuais da Universidade de Brasília e professor de artes no ensino especial APAE. Integrante do PÉS desde 2017.

Rafael Tursi. 34 anos. Mestre em Arte e Bacharel e Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. É ator, professor e produtor cultural. É fundador e coordenador do Projeto PÉS.



Foto 19. Rafa. Cred. Juliana Boechat

Na produção técnica temos: Glauco Maciel, como *sound designer*; Higor Filipe, como iluminador; e Iara Pacheco, como apoio de palco. Há, ainda, outras pessoas que não dançam em nossos espetáculos, mas que eu gostaria de citar seus nomes, por entender a enorme importância de sua participação no PÉS. Estes são os pais e responsáveis dos integrantes com deficiência: Aira Pessoa, Ângela Barros; Cláudia Pádua; Cláudio Garcia; Cristina Cardoso; João Araújo; Marcyia Mariz; Nilma Resende; e Simone Souza. Sem essas pessoas o projeto não aconteceria.

E eu? Eu já me apresentei, mas além de estudante de Teatro, sou também modelo, atriz, professora e integro o PÉS há aproximadamente dois anos e meio. Também já disse como eu conheci o grupo: um acidente do destino? Talvez, mas desde que entrei, nunca mais quis sair! Ao ingressar na universidade, sempre ouvi, de alunos e professores, que a realidade era, há anos, de um departamento onde cada vez menos alunos, ao se formarem em teatro, concluíam o curso pertencendo ou iniciando um grupo. Acredito que, por isso, não tinha eu também, expectativa pertencer a um, mas a sensação de ter encontrado pessoas que trabalham em prol de uma causa que eu abraço, que possuem também objetivos em comum aos meus, me traz um sentimento de pertencimento maravilhoso. Não vejo mais o Projeto PÉS como um projeto de extensão da universidade que faço parte, mas como um grupo de teatro-dança profissional em que estou inserida, e o qual não tenho a intenção de deixar. Aqui, quero também colocar meu agradecimento a ele, por ter me proporcionado um portfólio, crescimento e aprendizado artístico, que jamais teria obtido sozinha. Somado a isso, a oportunidade de viajar para fora do país,

pela primeira vez, para participar de um festival internacional sendo reconhecida como profissional artista¹⁵.

Participar do grupo mudou meus interesses acadêmicos de pesquisa, assim como Maturana, mudou minhas expectativas como arte-educadora. A ligação que poderia fazer com esses marcos, da minha trajetória de graduação, é minha principal motivação e o que veremos no próximo capítulo.



Foto 20. Galera. Cred. Juliana Boechat

¹⁵ Em novembro de 2017, o grupo PÉS se apresentou, como representante do Brasil, no Festival Internacional Arte X Igual, na cidade de Bariloche, Argentina.

3. TUDO FAZ SENTIDO

[...] Isso sim é dançar, atuar, representar, dando seu melhor, interagindo com pessoas que te compreendem, e aceitam como você é verdadeiramente, não só por fora mas principalmente por dentro, em meio aos ritmos criativos, as curvas dos seus corpos, ao sons das suas vozes, aos movimentos infinitos, as extensões faciais, aos batimentos dos seus corações e ao caminhar dos seus PÉS.
(Marina Anchises)

Se você ainda não consegue visualizar a relação existente entre emoções, domínios de ações, ensino, teatro e o PÉS, espero que neste capítulo isso seja possível. Pois, foi no PÉS, que vi na prática conceitos de Maturana fazerem todo sentido. A começar com a emoção, que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro, como legítimo outro na convivência, o amor (MATURANA. 2002, p. 23). Essa emoção, está presente nas base de trabalho do grupo, e isso se dá de maneira consciente, porém não intencionalmente baseada nesta teoria.

3.1. O Amor

Ao chegarmos aqui, você já conheceu os integrantes do PÉS, e sabe que ele é formado por pessoas com e sem deficiências. Para estabelecer um espaço de relações cuja referência é o amor, é importante que todos aqueles que fazem parte deste espaço, aprendam a se aceitar e se respeitar. Pois, de acordo com Maturana, uma pessoa que não se aceita e não se respeita não tem espaço de reflexão, porque está na contínua negação de si mesma, e na busca ansiosa do que não é e nem pode ser. Essa pessoa vai temer, invejar e depreciar o outro mas não o aceitará e respeitará, necessariamente (2002, p. 30 e 31). Em um dos primeiros ensaios que participei, ao perceber que eu ainda tinha certos comportamentos que destoam do restante do grupo, como excesso de cuidados no ensaio e medo em fazer algumas cenas, o diretor do PÉS aproveitou o momento em que estávamos sentados em roda e pediu para que cada integrante se apresentasse novamente, mas, dessa vez, falando sobre sua deficiência e o que ela comprometia. Foi, então, quando eu ouvi de cada um deles, dentro de suas limitações, afirmar suas respectivas deficiências. Presenciar isso, pra mim, demonstrava que todos ali tinham consciência de seus corpos e capacidades, já haviam se aceitado e já se

respeitavam¹⁶. Tal qual, também aceitavam e respeitavam os outros integrantes. Maturana diz que:

“se aprendi a conhecer e a respeitar meu mundo, seja este o campo, a montanha, a cidade, o bosque ou o mar e não a nega-lo ou a destruí-lo, e aprendi a refletir na aceitação e respeito por mim mesmo, posso aprender quaisquer fazeres.”(MATURANA. 2002, p. 33)

Me atrevo a dizer que isto não é válido somente para o lugar onde se vive, mas também diz a respeito em conhecer a realidade do seu corpo, a não negá-lo, não machucá-lo. Percebo que a didática do PÉS, abre este espaço, não somente para as pessoas com deficiências, mas para todos, que durante as experimentações possam explorar possibilidades do seu corpo, sempre respeitando as suas condições e descobrindo novas possibilidades de movimento. Isso ocorre levando em conta que cada pessoa é um alguém que guarda uma história, uma trajetória; que carrega medos, traumas, experiências, conhecimentos; que possui características que a definem individualmente. Cada corpo tem estes registro.

O fato de termos limitações não deve nos parar. De acordo com Maturana, o fato de “reconhecer que somos *sistemas determinados em nossa estrutura* não deve imobilizar-nos” (MATURANA. 2002, p. 28, grifo do autor), ao contrário, isso pode servir como ponto de partida para o desenvolvimento de tudo que somos capazes. Ele ainda completa: “*O futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem.* É com base nessa compreensão que devemos considerar a educação e o educar” (MATURANA, p. 29, grifo do autor). Como comentei acerca da história do PÉS, o grupo nasce justamente com esse princípio, de usar a arte, através do teatro-dança, como um reeducador corporal para pessoas com deficiência. Para afirmar isso, me apoio em um depoimento da dançante Marina Anchises, publicado no blog virtual do Projeto PÉS:

Na aula de quinta feira dia 08 de março de 2018, tivemos uma "re-experiência" com cordas, pois já havíamos trabalhado com esse material há alguns anos atrás e, para a minha surpresa, pude perceber a minha evolução. Agora eu consigo segurar a corda com as duas mãos, passa-la de uma mão para a outra, entrelaça-la nas pernas e nos braços, passá-la por de trás da minha cabeça. Ah e o

¹⁶ Hoje, inserida no grupo, noto que parte dos integrantes ainda está neste processo de aceitação.

mais importante de tudo isso, sem ajuda de ninguém!!!!!! E quando fomos trabalhar em duplas, não deixei a corda cair nenhuma vez.. Isso me fez acreditar que posso melhorar ainda mais e quem sabe um dia chegar a perfeição!!!!!! (sic) (Marina Anchises, in Blog - Diário de Bordo, 2018).

Logo, acredita-se que seja possível transformações, que a condição física e intelectual de alguém, não deve ser determinante para o que ela será capaz de fazer.

3.2. Educar com Amor?

Quando Maturana aborda as emoções associadas ao ensino, trás questionamentos sobre a configuração da educação, no Chile, e sobre a dificuldade de estabelecer um ambiente estimulado pela emoção do amor. Considero estes válidos para esta pesquisa, pois em muitas situações também me questioneei sobre, mesmo estando inserida na educação do Brasil. Um dos questionamentos apresentados, pelo autor, seria “como posso aceitar-me e respeitar-me se o valor do que faço se mede pela referência ao outro na contínua competição que me nega e nega o outro, e não pela seriedade e responsabilidade com que realizo o que faço?” (MATURANA. 2002, p. 32). Na educação formal, pra mim, o momento em que me fiz, exatamente, este questionamento, foi quando me vi refém do vestibular, uma prova onde a nota necessária para ser aprovado, é baseada na competição, e não necessariamente no reflexo de um esforço pessoal. Recentemente, fiz o exame para adquirir a carteira de motorista e na primeira vez que realizei, reprovei. Enquanto treinava para realizar novamente o exame, pensava em como era diferente se submeter a uma prova na qual não está concorrendo com ninguém, se você é aprovado, ninguém é reprovado por isso. Me preparar para esse exame foi completamente diferente, pois me preocupava apenas em melhorar meu desempenho, e me superar. Não havia uma preocupação com as outras pessoas que iriam realizar o exame e nem mesmo se saíam melhores que eu. O foco era apenas o meu aprendizado.

No contexto da arte, também tive experiências nas quais o ensinar se dava na estimulação da competição. Eu gostava muito de dançar, mas nunca tinha participado de um curso de dança. Quando comecei a fazer aulas de jazz, em todos os dias de ensaios, minha maior motivação era chegar com o melhor

alongamento e com uma abertura¹⁷ maior que das outras alunas na aula. Hoje, quando paro para pensar sobre, entendo que talvez a minha motivação era um reflexo da forma como a professora ensinava, elogiando apenas quem conseguia realizar os movimentos com perfeição. Geralmente, essas alunas que sempre recebiam elogios eram justamente as que tinham lugares privilegiados nas apresentações. O meu foco não estava em aprender, em me desenvolver de acordo com minhas limitações, me aceitando e respeitando, meu foco era ser melhor que as outras dançarinas, visando receber reconhecimento. Desta forma, alunas que tinham facilidade e flexibilidade sempre eram recompensadas, enquanto outras que se esforçavam e se dedicavam, talvez até mais, não tinham o mesmo retorno, simplesmente porque o valor do que faziam estava sendo medido com referência no outro. Minha intenção não é julgar os métodos utilizados, e nem mesmo apontar uma única forma correta de se ensinar, quero apenas relatar sobre experiências minhas, que hoje são o combustível de minhas escolhas como futura educadora.

3.3. Como?

Dentro do PÉS, vivenciei algo totalmente diferente. De acordo com Tursi, temos:

A proposta “PÉS?” de educação corporal implica em auxiliar pessoas com deficiência a se permitirem enxergar capazes de executar movimentos artísticos cênico-dançantes. Estes movimentos não precisam ser complexos fisicamente, mas, sim, dotado de significado e/ou um ressignificado, o que ousei chamar de poesia corporal. Literalmente uma poesia construída a partir dos corpos presentes em cena. (TURSI, 2011. p. 40)

Comparando o curso de jazz com o PÉS, posso dizer que me senti em dois mundos diferentes. Em um, buscava ser melhor do que alguém, e no outro sou incentivada a buscar o melhor de mim. Senti o mesmo quando realizei o vestibular e o exame de direção de veículo. Isso não significa que não aprendi nada, no curso de jazz ou no pré-vestibular, mas que noto como foram, para mim, formas de aprendizado não saudáveis. Portanto, como futura educadora, quero fazer o possível para minimizar os efeitos da competição, infelizmente

¹⁷ Movimento corporal que visa o alongamento total das pernas, a 180°, próximo ao chão.

enraizada nos sistemas de ensino. Apesar disso, não posso ser ingênua a ponto de afirmar que ela não estará presente em algum momento. Falo isso pensando no ensino formal. Então, como estabelecer durante o processo de ensino e aprendizagem este tão desejado espaço de relações baseadas na emoção do amor? Maturana afirma que isso não é difícil, mas que:

[...] requer que o professor ou a professora saiba como interagir com os meninos e meninas num processo que não os negue ou castigue, seja pela forma como eles aparecem na relação, **seja porque não aparecem como as exigências culturais dizem que deve ser**. Esse professor ou professora pode fazê-lo porque, eles também, respeitam a si mesmo e ao outro. (MATURANA. 2002, p. 32, grifo nosso)

Esta afirmação, descreve, exatamente, a meu ver, a prática e ensino dentro do grupo Projeto PÉS. Por quê? Vejo isso, primeiramente, porque Tursi, sempre ao falar do começo do projeto, onde iniciou com cinco pessoas, com cinco deficiências diferentes, conta que só decidiu continuar quando reconheceu que ele não saberia tudo sobre todas as deficiências, mas que faria o possível para entendê-las. Partindo deste ponto, vejo o respeito do educador a si mesmo, reconhecendo também suas limitações.

Percebo ainda, que a realidade de um processo de ensino que não nega e nem castiga o outro na relação, é notória em vários aspectos no grupo PÉS. Respeitar alguém, se dá antes de mais nada, na maneira como se refere a outra pessoa. Ao lidar com pessoas com deficiência, é fundamental buscar a nomenclatura correta e mais adequada para se referir a tais. No livro “Diversidade - Mídia e Deficiência”, coordenado por Veet Vivarta, recomendado pelo site da Câmara Legislativa¹⁸, são citadas diversas expressões usadas comumente. Estas, para falar de pessoas com as mais diversas deficiências, porém a maioria delas errôneas, pois “são termos nitidamente eufemísticos, que constituem uma forma de discriminação significativa, embora mais sutil e difícil de ser apontada como tal.” (VIVARTA. 2003, p. 40). Alguns exemplos, que eu mesma, sempre escuto quando alguém vai conversar comigo sobre o PÉS ou comentar uma apresentação do grupo, são: “os deficientes”; “especiais”; “aqueles portadores de deficiência”; e “ela é surdinha”. De acordo com Romeu

¹⁸ Informação disponível em <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/como-falar-sobre-as-pessoas-com-deficiencia>>. Acesso em 27/11/2018.

Sassaki, assistente social, e especialista em aconselhamento de reabilitação, temos que:

A partir de 1981, por influência do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, começa-se a escrever e falar pela primeira vez a expressão pessoa deficiente. O acréscimo da palavra pessoa, passando o vocábulo deficiente para a função de adjetivo, foi uma grande novidade na época. No início, houve reações de surpresa e espanto diante da palavra pessoa: “Puxa, os deficientes são pessoas!?” Aos poucos, entrou em uso a expressão pessoa portadora de deficiência, freqüentemente reduzida para portadores de deficiência. Por volta da metade da década de 90, entrou em uso a expressão **pessoas com deficiência**, que permanece até os dias de hoje. (SASSAKI, 2002, p. 01, grifo nosso)

Conforme destacado acima, no PÉS, é utilizado o último termo, “pessoa com deficiência”, que inclusive é, de acordo com Tursi, o “termo definido pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, apresentada pela ONU em 2006 e aprovada e ratificada pelo Brasil em 2008” (2014, p. 22). Por considerar o outro como legítimo outro na relação, é imprescindível, para mim, que esse outro, se sinta exatamente assim na forma como o trato. Ao falar “pessoa com deficiência”, estou reconhecendo que antes de qualquer deficiência, existe uma pessoa, e é baseado nisso que nossa relação existe, e não necessariamente no que ela tem. De qualquer forma é válido deixar claro que:

[...] não existe consenso sobre o uso de alguns termos sequer entre os especialistas. Nem por isso devemos abdicar de um crivo de rigor para selecionar o emprego mais correto das palavras, baseado nas pesquisas, na prática, nos debates, em avanços no campo dos direitos humanos e no respeito pelas opiniões das próprias pessoas com deficiência. (VIVARTA. 2003, p. 41)

Falo sobre tudo isso, por estar convencida de que o PÉS é, realmente, um espaço que proporciona relações baseadas no amor, não somente pelo uso dos termos corretos, como também pela maneira de tratar o outro. Tursi ao analisar os processos artísticos, com pessoas com deficiência, constata que existe uma tendência em considerar tudo muito bom, e merecedor de elogio, quando realizado por pessoas com deficiência. Mas que atitudes como essas atrapalham o desenvolvimento, porque o elogio pode ser entendido como o melhor desempenho, e assim acabar limitando possibilidades. Para ele, é

preciso entender os momentos em que são cabíveis o incentivo, a ajuda e também a correção (2014, p.23).

Durante o período em que participo do Projeto, sempre observo detalhes que reforçam o meu sentimento de pertencer a este espaço de relações baseadas no amor. Uma lembrança recente que exemplifica isso, aconteceu durante os ensaios dedicados a criação de um novo espetáculo. Durante a discussão sobre quais elementos utilizar na cena, foi sugerido utilizar um grito. O diretor, logo hesitou em utilizar o recurso, pensando que Marina (integrante do PÉS, apresentada no capítulo anterior), quando submetida a sustos, perde o controle de seus movimentos. Ou seja, ela perde seu domínio de ação, diante da emoção do susto. Eu, também integrante do grupo, já havia notado a dificuldade de Marina em estabilizar seus movimentos, frente a situações em que sente medo ou vergonha, principalmente por sua característica de movimentação por espasmos. Então, presenciar a preocupação do educador, no momento da escolha, me foi muito valioso e, mais uma vez, pude ver possível o respeito e aceitação do outro na relação.

Em uma relação baseada na agressão, emoção entendida por Maturana, como oposta ao Amor, provavelmente Marina não seria aceita nesta cena, por não possuir o domínio de ação necessário depois do grito. Ou, ainda, não seria respeitada e o grito seria inserido mesmo sabendo os efeitos gerados nela. Mas reforço, com o amor, aceitar-se e respeitar-se, abre espaço para reconhecer estes domínios de ação. Uma vez que isso acontece é possível buscar alternativas para lidar com a emoção que o gera. Por isso, a emoção não é limitadora, e sim possibilitadora. O educador não deve rotular o aluno na relação, contudo estar disposto a enxergar suas emoções como passos para o desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Introduzi este trabalho lhe contando como foi, no meu processo educacional, durante minha vida, lidar com as emoções. Incluindo, neste processo, a escrita desta monografia. Quero compartilhar como foi percorrer este caminho de pesquisa. Houve momentos que estava sentada em frente ao computador, chorando, enquanto tentava ler e escrever sobre emoções e domínios de ações. Irônico, não? Sim, pois eu tinha total consciência de que minha emoção, de ansiedade, estava comprometendo minha capacidade de escrever e interferindo no meu domínio de ação. Eram nestes momentos que eu percebia a necessidade de me aceitar, entender que não conseguiria continuar realizando a ação naquelas circunstâncias, e me respeitar, entendendo essa limitação e pedindo por ajuda. Por diversas vezes só fui capaz de continuar depois de conversar com meu orientador. Ter liberdade para falar sobre as falhas, e inseguranças, dentro de uma relação baseada no amor, foi essencial para reverter a situação.

Escolhi o Tursi para me orientar justamente por enxergar nele esse educador que, além de tudo, está preocupado também em incentivar e motivar o aluno. No PÉS, tanto nos ensaios, quanto antes dos espetáculos, frases que sempre ouvimos são: “Vocês sabem a peça!”; “Vocês conhecem a cena!”; “Vocês conseguem, já me mostraram isso!”. Assim, mesmo diante de erros, somos lembrados de que somos capazes, ao invés de punidos por não ter obtido o melhor resultado. E, da mesma forma foi durante a monografia: exatamente quando a ansiedade comprometia meus domínios de ação, Tursi me lembrava de que eu era capaz, que dominava a ação de escrever, que dominava o assunto e que já tinha estudado. De tal forma, enxergando a emoção como possibilitadora, ele me mostrava outros caminhos, outras opções, o que me transmitia segurança e confiança, e, como consequência destas emoções, a aquisição de outros domínios de ação.

Por isso, acredito que a visão de Maturana é aplicável em todo âmbito educacional, assim, como também, nas relações cotidianas. Percebi, ao lidar com pessoas com deficiências, que, muitas vezes, a incapacidade de realizar algo não se dava pela deficiência, e sim pelo emocional que não possibilitava

tais domínios de ação. Por fim, repito, estabelecer um ambiente educacional, baseado no amor, é o primeiro passo para favorecer o desenvolvimento de novos domínios de ação. E foi isto que encontrei no PÉS. É isso que quero levar para minhas relações, é isso que quero levar para as salas de aula, é assim que quero ensinar e aprender, e ensinar e aprender...

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Dolores Fortes. Reflexões sobre aprendizagem: de Piaget a Maturana. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.13, n.04, p. 838 - 862 out./dez. 2015

BRASIL. Decreto nº6949 de Agosto de 2009. *Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência e seu protocolo facultativo*. Subchefia para Assuntos Jurídicos [da] Presidência da República. Brasília, DF, 25 ago. 2009.

BURKOWSKI, Leon. Autopoiese - Auto - Organização. Disponível em <<http://www.unicamp.br/fea/ortega/temas530/leon.htm>> Acesso 02/11/2018.

COMITÊ Paulista para a década da cultura de paz. Humberto Maturana. Disponível em <<http://www.comitepaz.org.br/HMaturana.htm>> Acesso em 08/11/2018

GRANJA, Denise. Diário Oficial da União. Disponível em <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/conade/sobre-o-conade/regimento-interno>> . Acesso 27/11/2018.

GRATIOT-Alfandéry, Hélène. Henri Wallon. Recife: Massangana, 2010.

IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MATRIZTICA. Quienes Somos. Disponível em <<http://www.matriztica.org/#quienesomos>> Acesso em 08/11/2018.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política, tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 98 p.

NEUROFISIOLOGIA. Disponível em <<https://www.conhecimentogeral.inf.br/neurofisiologia/>>. Acesso 08/11/2018.

PROJETO PÉS. Site oficial. Disponível em <www.projetopes.com>. Acesso em 15/11/2018.

SASSAKI, Romeu Kazumi mar.-abr. 2002 Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, v.5, n.25, p.5-14.

SIMILITUDO. Direção: Rafael Tursi. Espetáculo teatral. Brasília: Projeto PÉS, 2011.

TERRA, Alessandra Matos. Corpos que Dançam na Diversidade e na Criação. 2013. xi, 130 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

TURSI, Rafael. PÉS?: A Criação do Movimento Expressivo para Pessoas com Deficiência. 2011. 42 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

_____. Meu Corpo, Teu Corpo e Este Outro: Visitando os Processos Criativos do Projeto PÉS. 2014. 125 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

UNIVERSIDADE Federal de Minas Gerais. Humberto Maturana - Universidade do Chile. Disponível em <<https://www.ufmg.br/ieat/2011/09/humberto-maturana>>. Acesso em 08/11/2018.